

A Influência como Medida de Eficácia

Major Andrew J. Knight, Exército dos EUA

DURANTE O OUTONO de 2009, políticos e estrategistas militares debateram a situação no Afeganistão com vistas a determinar a probabilidade de sucesso da missão que está a cargo da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN). Embora ainda não se saiba se suas conclusões estavam certas, o processo por eles empregado é muito esclarecedor. Não foi um método diferente daquele utilizado pelos comandantes militares no processo decisório. Analistas do nível estratégico e comandantes do nível tático, igualmente, selecionam alguns pontos de referência que lhes permitam medir a efetividade de seus respectivos planos.

O modo e as razões que os levam a escolher esses pontos de referência são distintos, porém. A diferença principal entre a avaliação clássica conduzida pelos chefes de Estado dos países membros da OTAN e as avaliações táticas feitas pelos comandantes em campanha é que estes determinam a probabilidade de sucesso com maior frequência e, geralmente, sem o benefício de uma ferramenta de avaliação que mescle as capacidades militares com os pontos de referência essenciais da cultura afegã.

No entanto, as informações militares mais relevantes não são suficientes, sozinhas, para avaliarmos o sucesso ou o progresso da contrainsurgência no Afeganistão. O número de ataques e de inimigos mortos ou capturados e a quantidade de dólares gastos não nos dão a completa noção sobre o nosso método contrainsurgente estar sendo bem-sucedido ou não. *A verdadeira medida de sucesso no Afeganistão é a “quantidade de influência” que o governo mantém sobre a população, algo que não é avaliado uniformemente.*

Minha definição de influência no Afeganistão é a capacidade ou o poder que indivíduos ou grupos têm de se tornarem uma força capaz de modificar as ações, o comportamento e as convicções da população¹. A forma mais simples de um comandante estimar a influência que exerce é conduzir uma avaliação subjetiva baseada na interação da população, nos relatórios de informações e na sua experiência na área. Infelizmente, isso é problemático, porque os parâmetros subjetivos que medem a influência não são os mesmos para todas as unidades, o que acarreta que, geralmente, não se consiga obter uma avaliação homogênea. A falta de uma ferramenta objetiva para medir a influência dificulta nossa capacidade de reconhecer se nossas ações — e as do governo afegão — estão surtindo efeito positivo ou negativo. Se quisermos obter êxito no Afeganistão, então devemos ser capazes de determinar, de forma rápida e precisa, onde e quando devemos reforçar nossas ações bem sucedidas e onde precisamos revisar a estratégia empregada. Precisamos, portanto, de um método objetivo que nos permita identificar a influência de nossas ações sobre a população, que nos permita medi-la e reconhecer os métodos para ampliá-la.

Uma Pré-condição para o Êxito: Acesso à População

David Galula define uma insurgência como “uma luta prolongada conduzida metodicamente, passo a passo, para alcançar objetivos intermediários específicos que, no final, levam à queda do sistema vigente”². Essa definição de insurgência sugere que o governo luta para manter a ordem existente, mas, no caso da

O Major Andrew J. Knight é o representante da Arma de Artilharia de Campanha na Academia Militar dos EUA, em West Point no Estado de Nova York. Obteve seu bacharelado na mesma Academia e atualmente cursa o Mestrado na John Jay College. Foi oficial de logística da 17ª Brigada de Artilharia quando esta esteve no Iraque.

Nas duas vezes em que estive no Afeganistão, serviu como coordenador de fogos da Força-Tarefa 1º/32º Batalhão de Infantaria, como comandante de uma companhia de Infantaria do mesmo batalhão e como oficial de apoio de fogo da 3ª Brigada da 10ª Divisão de Montanha.

Exército dos EUA, Cb Jaime D. DeLeon



Militares do 71º Regimento de Cavalaria do Exército dos EUA e soldados do Exército Nacional Afegão ao término de uma patrulha de dois dias no oeste do Distrito de Kherwar, na Província de Logar, Afeganistão, 02 Jul 09.

República Islâmica do Afeganistão, o governo está competindo, na verdade, *para obter o reconhecimento como autoridade legítima*. No Afeganistão, essa competição depende, em última análise, das preferências locais nos pontos menos desenvolvidos do país, uma vez que o governo não pode impor controle à sociedade à qual oferece tão pouco, em termos de serviços governamentais. A população permanece indiferente ao conflito, esperando que líderes informais determinem quem será o vencedor mais provável, para que possam apostar no lado vitorioso. Fazer com que o governo afegão apareça como o vencedor mais provável é tarefa difícil, mas que se torna mais fácil quando se têm influência sobre os líderes comunitários. Isso nos leva a uma das pré-condições essenciais para o sucesso no Afeganistão: o governo afegão precisa encontrar uma forma de influenciar continuamente os líderes informais (tribais), para que possa ter acesso à população afegã.

Para governar o Afeganistão, o governo legítimo não precisa ter acesso direto a cada

indivíduo necessariamente. Os líderes informais podem agir como representantes efetivos do governo, contanto que mantenham comunicação aberta com ele. A estrutura da liderança informal é baseada na afiliação tribal e na sua localização geográfica e o governo deveria considerá-la como uma forma viável de constituir ligações duradouras com a população. Cada povoado tem um seleto grupo de líderes informais que normalmente herdaram essa situação de seus pais. Esses aldeões se reúnem com os de outras tribos do distrito e formam uma *shura*. Geralmente, a *shura* contém representantes de todos os diferentes grupos tribais dentro de uma área. A *shura* do distrito envia representantes para a *shura* provincial, e os representantes dessa participam na *shura* nacional. O governo do Afeganistão reconhece que esses grupos informais se constituem na forma tradicional de governo do povo tribal, mas não lhes concede qualquer autoridade legal.

Igualmente importante para a hierarquia da liderança afegã são os eruditos religiosos que



Os governadores das Províncias de Nuristan, Langham, Nangarhar e Kunar reúnem-se antes do início da primeira jirga regional, destinada a discutir a paz, a prosperidade e a reabilitação do Afeganistão, 22 Out 09.

formam uma *shura* a parte. Embora essa seja uma entidade poderosa entre a comunidade, a *shura* religiosa permanece subordinada aos anciãos. Ainda assim, os líderes religiosos são frequentemente os porta-vozes da população. Seu poder reside no respeito cultural que recebem por suas pregações. Desenvolver influência simultaneamente sobre o governo e sobre os grupos de anciãos afegãos é uma prática necessária para as Forças contrainsurgentes, se elas pretendem unificar esses grupos distintos para que o governo afegão tenha acesso à sua população.

A Importância dos Líderes Informais Tradicionais

Há um código de sobrevivência entre as tribos pashtuns, que visa à proteção do povo contra forças externas. Esse sistema de valores governa a sua cultura de forma tradicional e é composto por vários princípios que impõem o comportamento de seus membros. Esse código, chamado de *Pashtunwali*, é anterior a qualquer forma de

governo que tenha existido nos atuais territórios pashtuns do Afeganistão e do Paquistão e é o cerne da identidade desse povo.

Um dos princípios essenciais do *Pashtunwali* é a *nang*, ou honra, que qualquer pashtun valoriza mais do que a vida. Os afegãos fazem tudo o que for preciso para preservar sua honra e a de sua família e buscam ativamente formas de parecer mais merecedores dela. Outros dois princípios que representam diretamente a honra de um indivíduo pashtun são a *melmastia* e a *nanawati* (hospitalidade e proteção). Esses princípios determinam que qualquer visitante deve receber alimentos e refúgio de seu anfitrião (e a este não é permitido recusar um pedido nesse sentido).

O entendimento das normas culturais é essencial para analisar certos comportamentos e associações entre a população e os visitantes. A honra individual e da família dependem do cuidado dedicado aos estranhos, sem que as intenções do visitante sejam levadas em conta. Mesmo em povoados significativamente influenciados pelos insurgentes, os líderes informais devem

oferecer hospitalidade aos visitantes afiliados ao governo afegão, a não ser que violem seu código de conduta. Como esse código é algo comum à cultura das tribos pashtuns, é a própria sociedade que impõe seu cumprimento. Quando infringe o *Pashtunwali*, o transgressor coloca sua honra em risco, e nesse caso, pode surgir uma disputa.

Contendas são algo comum em qualquer sociedade. Conhecer os métodos de resolução de conflitos é essencial para o entendimento de uma cultura. Os conflitos afegãos que envolvem propriedades de terra, recursos ou honra pessoal, demonstram a importância do sistema hierárquico de líderes informais. O líder informal irá mediar qualquer contenda antes que ela se torne violenta e vire um assunto de *badal*, termo que significa disputa de sangue, ou vingança. O líder informal que consegue resolver uma contenda pacificamente é muito conceituado na comunidade, porque é capaz de evitar a violência e manter o *status quo*. Este *status quo* é mantido até que forças externas interrompam o estilo de vida pashtun, ao ponto em que os meios pacíficos não sejam suficientes, levando os líderes informais a liderar a restauração da ordem, empregando os meios que forem necessários.

Antes do estabelecimento do governo oficial, as tribos pashtuns dependiam do *Pashtunwali* para sua sobrevivência, um código que ainda influencia suas vidas em grande medida. Grande parte do Afeganistão ainda é regida por esse sistema, que mantém os líderes informais bastante envolvidos na tomada de decisões para a população. Esse sistema representa tanto uma oportunidade única quanto uma ameaça para a campanha contrainsurgente no Afeganistão. Qualquer lado que seja capaz de influenciar os líderes locais — o governo afegão ou os insurgentes — ganhará uma vantagem significativa sobre o outro, na atual campanha.

Para convencer os anciãos a apoiar o governo, o contrainsurgente deve continuamente avaliar o progresso e concentrar seus esforços. A mais recente metodologia de avaliação divulgada no Afeganistão é o Método para Avaliação e Planejamento de Conflitos Táticos (tradução livre de *Tactical Conflict Assessment and Planning Framework — TCAFP*). A Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional (USAID) é a encarregada do TCAFP e o descreve como um meio para “identificar, priorizar

e mitigar as causas da instabilidade em uma área de operações”. O propósito da avaliação é esclarecer as verdadeiras causas da instabilidade em uma região, em vez de basear os esforços contrainsurgentes em hipóteses. Há quatro perguntas básicas — e uma série de outras, complementares, utilizadas para coletar dados com vistas a determinar a razão de cada resposta:

- Houve mudanças na população da aldeia durante o último ano e por quê?
- Quais são os problemas mais importantes que a aldeia enfrenta e por quê?
- Quem você acha que pode resolver seus problemas e por quê?
- O que primeiro deve ser feito para ajudar a aldeia e por quê?

O Método para Avaliação e Planejamento de Conflitos Táticos deve gerar dados que permitam concentrar esforços imediatos no desenvolvimento de programas para criar estabilidade. Esse sistema parece útil, mas ainda não foi testado em ampla escala. Ele estrutura a coleta de dados para determinar os problemas locais, mas falta-lhe um mecanismo de implantação. Por causa

Qualquer lado que seja capaz de influenciar os líderes locais — o governo afegão ou os insurgentes — ganhará uma vantagem significativa sobre o outro...

da estrutura social da sociedade afegã, a correção de uma fonte de instabilidade não é tão simples como a implantação de uma solução lógica no pensamento ocidental. As pessoas influentes locais devem aprovar as ações, caso contrário irão solapar qualquer tentativa governamental de estabilizar sua área. Basicamente, o TCAFP é bom para identificar os problemas de uma área, mas não para corrigi-los. *A capacidade de influenciar as lideranças locais é a verdadeira chave para implantar mudanças e trazer o povo para o lado do governo.*

Disputa de Influência

O governo do Afeganistão compete com os insurgentes para ser visto pela população como uma opção legítima, viável e confiável. Ter influência sobre os líderes locais é importante para os dois “concorrentes”. Historicamente, o povo afegão sempre lutou contra qualquer tentativa externa de controlá-lo diretamente,

Os inimigos do Afeganistão utilizam a influência e, quando necessário, a coerção e o controle direto para realizar seus objetivos.

sendo o mais recente caso o da União Soviética, que foi derrotada. Essa resistência natural à ocupação é a razão pela qual a influência sobre o governo afegão deve ser considerada como o fator mais importante para o êxito da atual missão no Afeganistão. *Um sistema capaz de medir a influência, que utilize dados coletados por patrulhas e pesquisas de opinião da população, proporcionaria a capacidade de avaliar o grau de influência exercido em todo o país.* Para permitir que os dados desse sistema de avaliação sejam transmitidos a todas as unidades nas diversas áreas geográficas, ele precisa ser padronizado, mas flexível o suficiente para levar em consideração as diferenças culturais regionais.

A interferência na vida cotidiana afegã gera descontentamento na população. Essa insatisfação se transforma em uma oportunidade para o lado que estiver mais bem posicionado para aproveitar a situação. Com frequência, tanto o governo afegão quanto a Força Internacional de Assistência à Segurança (ISAF, na sigla original em inglês) deixam de aproveitar essas oportunidades, ou porque não são agressivos o suficiente ou, o que é mais comum, porque não conseguem reconhecer o potencial para que possam direcionar essa influência para o governo. Não reconhecer a importância desse direcionamento ao governo é outro possível

problema, embora provavelmente seja algo mais específico da ISAF. Os insurgentes, por outro lado, estão culturalmente harmonizados com o sentimento popular e irão tirar grande proveito de todas as oportunidades para aumentar seu controle. Considerando que ela nunca será capaz de competir com o conhecimento e o entendimento cultural inatos dos insurgentes, a ISAF precisa ter uma ferramenta que avalie o grau de influência em ambos os lados (amigo e inimigo), para identificar as oportunidades nessa área.

O processo decisório dos líderes informais afegãos é o princípio mais básico a ser entendido, quando se pretende influenciar as decisões dos anciãos. De acordo com o *Pashtunwali*, o afegão toma decisões buscando benefício para si mesmo, para sua família, seu vilarejo e sua tribo. Em tempos de conflito, os líderes informais irão tomar decisões que beneficiem seu povo. Essa é a razão principal por que o governo afegão precisa ser capaz de influenciar os líderes informais: para ganhar o apoio popular. Se uma necessidade for identificada, a população deve apoiar a solução, e esse apoio deve ser cultivado por meio dos líderes tribais e dos vilarejos. O líder local somente defenderá uma causa em sua aldeia se ela proporcionar um benefício pessoal, social ou econômico, contribuindo diretamente à sua base de poder local. Se não estiver convencido de que ela tenha um impacto no mínimo neutro no seu *nang* pessoal, o ancião negará apoio. Pode ser frustrante identificar que um ancião se recusa a apoiar um programa que iria melhorar o sistema de irrigação local, mas investigações adicionais podem determinar que a razão está no fato de ele controlar o sistema existente. A menos que o ancião esteja convencido de que o novo método de irrigação não irá prejudicar sua posição social, o projeto não obterá seu apoio, independentemente do benefício que proporcionaria ao seu povo. O entendimento do processo decisório do líder informal afegão é essencial para melhorar o apoio às ações do governo e para expandir a autoridade governamental na área.

É necessário entender a motivação de cada uma das aldeias que resistem ao governo. Embora a liderança insurgente “linha dura” provavelmente esteja combatendo por razões teocráticas, para a população, o apoio à insurgência é, em geral, uma

forma de buscar ganhos financeiros. As áreas mais disputadas do Afeganistão são geralmente lugares onde a insurgência tem mais a perder, em função da existência de símbolos mais permanentes da presença do governo, como a cobrança de impostos, legislação e meios de imposição da lei. A instabilidade resultante tende a atrair recursos financeiros, porque ela traz Forças de segurança adicionais para enfrentar a ameaça. À medida que as Forças amigas e inimigas se enfrentam, *cria-se um mercado que permite aos apoiadores dos dois lados prosperarem*. Exemplos disso incluem a interferência do governo afegão na extração de madeira, no nordeste, e no narcotráfico, no sul. O povo nas Províncias de Kunar e Helmand resiste ao governo porque deixa de obter lucros com a madeira e o ópio; ele se beneficiaria com a ausência de regulamentação do governo. Os anciãos somente intervêm em favor do governo quando o fluxo de dinheiro destinado à segurança ou à reconstrução se lhes apresenta como uma

oportunidade econômica. As áreas que resistem à presença governamental ou da ISAF, com base no *Pashtunwali*, o fazem porque geralmente se sentem violadas por uma transgressão anterior e interpretam que há uma disputa de sangue em curso, uma vez que os líderes informais não extraíram benefício algum da resolução do conflito. Esse tipo de contenda cultural não é incomum, e um antagonista pode facilmente agravar uma rixa, pois o contato da população com as Forças de segurança governamentais é muito limitado. A semelhança existente entre as áreas disputadas por razões econômicas e aquelas disputadas por questões culturais está no fato de os líderes informais se inserirem no processo de resolução somente quando vislumbram ganhos pessoais. Ofereça aos líderes informais um benefício alternativo — que supere o atual — e eles irão efetivamente liderar a população na direção que lhes favorece, qualquer que seja. A utilização do programa TCAPF faz com que



Departamento de Defesa, Cb Herbert

Cerca de 180 pessoas, entre anciãos e moradores da aldeia, assistem a uma shura em Nad-e-Ali, no Afeganistão, 22 Nov 10.



O Ten Cel Gukeisen, do 3º/71º Regimento de Cavalaria, integrante da 10ª Divisão de Montanha do Exército dos EUA, discute opções para uma base de patrulha com soldados poloneses, Kherwar, Afeganistão, 03 Ago 09.

seja mais fácil identificar as razões da resistência ao governo, mas combater essas motivações irá depender da capacidade de convencer os líderes informais de que eles se beneficiarão mais, quando passarem a cooperar com o governo e com a ISAF.

Os inimigos do Afeganistão utilizam a influência e, quando necessário, a coerção e o controle direto para realizar seus objetivos. Para o inimigo, a influência começa nos âmbitos social, religioso e cultural para recrutar pessoas e evitar a hegemonia do governo afegão. A ideologia é a ferramenta mais eficaz e mais ostensivamente explorada pelos insurgentes para gerar influência, porque ela proporciona uma justificativa para o afegão comum se rebelar. A afinidade religiosa e, em maior medida, a cultura pashtun conferem aos insurgentes uma credibilidade instantânea. Os insurgentes utilizam essa autoridade étnica para aproveitar o princípio *Pashtunwali* de hospitalidade, de modo que possam conviver com a população e dela receber apoio. Uma vez que os insurgentes demonstrem os benefícios que

trazem à área (ganhos financeiros, segurança na comunidade ou salvação eterna), a influência é suficientemente forte para que eles permaneçam até que uma alternativa melhor esteja disponível. É preciso que haja um benefício tangível. Se não fosse assim, o povo já teria descartado os insurgentes quando o governo chegou à área, devido ao sacrifício econômico de apoiá-los como “hóspedes não contribuintes”, ou à intimidação imposta pelos insurgentes.

Depois de ter se estabelecido em uma área, o insurgente pode obter quase tudo que precisa para continuar combatendo. Recrutar (coagir) novos combatentes é fácil porque a população é principalmente agrária, atividade que lhes proporciona tempo ocioso entre o plantio e a colheita. Os insurgentes podem ganhar influência facilmente porque a maioria dos afegãos vive muito abaixo da linha da pobreza, o que aumenta o desejo por ganhos financeiros. Utilizando pouco dinheiro, os insurgentes podem contratar fazendeiros locais para executar ataques de inquietação de baixo risco contra a ISAF e o

governo. A não ser que estes possam exercer influência sobre a área, não haverá qualquer estigma cultural associado ao ganho desse tipo de “dinheiro extra”, especialmente quando o benefício econômico é combinado com as ideologias culturais e religiosas. Quando elementos pró-governo afegão conquistam uma posição firme de influência, uma campanha de informações efetiva pode derrotar os sentimentos culturais e religiosos subjacentes, mas apenas operações militares efetivas irão aumentar o custo dos ataques de inquietação. Combater as Forças insurgentes é necessário, para demonstrar superioridade militar, o que aumenta o custo de lutar ao lado da insurgência. Um custo maior para a população reduz seu desejo de participar na luta e diminui a necessidade de o contrainsurgente matar esses assassinos “*freelancers*”, o que arriscaria desencadear uma disputa de sangue.

À medida que a situação evoluir, a população talvez passe a vislumbrar maior oportunidade econômica (mais oportunidades educacionais e de emprego) ao posicionar-se do lado do governo. Quando as Forças de segurança descobrem um campo inimigo, aumentam sua presença na área. Os insurgentes não podem mais se identificar abertamente e passam a depender do anonimato. Portanto, eles precisam esperar até que as Forças de segurança se retirem. Sua influência teria de ser forte o suficiente para que fosse capaz de prevenir que a população fornecesse Inteligência sobre eles, ou mesmo que os entregassem às Forças de segurança. Nas primeiras vezes em que as Forças de segurança visitam a aldeia, é relativamente fácil para o insurgente manter sua influência, porque ele pode explorar a natureza temporária da presença do governo. Qualquer um que ouse mencionar os possíveis melhoramentos oferecidos pelo governo é intimidado ou morto, para reafirmar o controle insurgente e a vitória iminente. Com a repetição das visitas patrocinadas pelo governo afegão, também irão se repetir a intimidação e a violência. A campanha de propaganda dos insurgentes, em geral, mantém a tônica de que “havia segurança por aqui, até as Forças do governo chegarem”. Se as Forças de segurança logram permanecer na área e dialogar diariamente com os líderes informais, os insurgentes perderão sua influência e terão de deixar a área para buscar uma base de apoio

mais forte. A lealdade continuará a mudar, para maximizar os benefícios que os líderes informais obtêm, enquanto se aliam com quem permanecer no controle quando o conflito terminar.

Os esforços iniciais para estabelecer a influência devem usar uma abordagem do tipo “incentivos *versus* punições”, no engajamento da população. O comandante tático atinge vários pontos de decisão diferentes que representarão oportunidades para ambos. Os norte-americanos tendem a usar somente incentivos, na tentativa de permanecerem bem vistos pelas pessoas e de evitarem reclamações dos líderes informais. Embora isso possa ser muito bom no início, continuar a dar recompensas a uma população que não as merece faz com que quem as dá pareça insensato e pouco digno de respeito. O comandante precisa reconhecer quando o progresso deixa de existir e usar punições, que podem ser simplesmente colocar os líderes informais em situação desconfortável perante sua população. Os comandantes não precisam intimidar os líderes informais com sua força militar. Basta desafiar sua influência. Na implantação dessa abordagem, é imperativo assegurar que as medidas coercitivas utilizadas possam ser facilmente removidas. Uma campanha inimiga de desinformação pode rapidamente solapar as medidas de influência amigas ao alegar que uma mudança indesejável será permanente. O contrainsurgente deve permanecer suficientemente flexível para agir contra qualquer tentativa de aumentar a influência insurgente.

Um exemplo valioso de como gerar influência no Afeganistão está na operação executada entre agosto e novembro de 2009, pelo 3º/71º Regimento de Cavalaria, comandado pelo Tenente-Coronel Thomas Gukeisen. A operação era um engajamento com a população que premiaria imediatamente as áreas que cooperassem com o governo, executando melhorias no seu vilarejo. Vários projetos de pequena escala foram realizados em pouco tempo, mas não foi isso que fez da operação um sucesso. Gukeisen e sua unidade estruturaram um processo de seleção de projetos prioritários que começava com a *shura* de anciãos e que exigia a aprovação dos subgovernadores de distrito. Isso obrigava os líderes formais e informais a trabalharem juntos, se quisessem progresso.

A implantação rápida proporcionou evidência visível à população. Devido ao fato de os projetos não atingirem determinados tetos orçamentários, o Regimento pode planejar para que a maior parte dos recursos financeiros fossem gastos na economia local, de modo a multiplicar o benefício econômico em favor do governo. Essa operação beneficiou todos os participantes. Os líderes do governo forneciam os recursos, os anciãos locais conseguiam direcionar a capacidade do governo em favor de seu povo, e a ISAF lograva vincular o povo ao governo afegão. A Força Internacional de Assistência à Segurança buscou centros culturais e religiosos para receberem melhorias e os insurgentes perderam credibilidade, enfraquecendo sua influência.

A Medida da Influência

Avaliar a influência que se tem sobre a população é uma ferramenta valiosa, se for empregada para diferenciar as áreas que exigem operações militares das que estão prontas para receber programas como o do exemplo citado. Atualmente não há uma ferramenta de avaliação objetiva com o detalhamento necessário, no nível tático. Cada comandante define a influência em termos diferentes e internaliza as avaliações de seus comandantes subordinados para criar uma visão pessoal dos efeitos obtidos em sua área de responsabilidade. Uma forma de medir a influência que seja objetiva irá proporcionar um arcabouço passível de ser compartilhado, não apenas entre os diversos elementos táticos subordinados, mas além dos limites da Unidade e com as tropas que venham a substituí-la. Uma medida comum que padronize uma avaliação para fins de planejamento operacional e estratégico criará uma visão comum disponível aos comandos de brigada e superiores.

Centenas de questões e atributos observáveis podem definir a influência. Para organizar um sistema de análise de influência que produza informações precisas, deve-se usar uma abordagem básica que não sobrecarregue os coletores de dados. As questões e as informações coletadas devem atender tanto à população nativa quanto aos analistas e operadores militares, mas devem permanecer flexíveis o suficiente para que possam admitir as diferenças regionais. Muito do que já

coletamos poderá servir para estudo do nível de influência, mas alguns dados adicionais devem ser obtidos para melhorar o entendimento de uma área particular. Os principais encarregados de coletá-los são o combatente e o comandante de pequenas frações, que interagem diariamente como o povo, integrando a campanha de contrainsurgência. É importante que, antes do desdobramento, seja enfatizado o treinamento cultural e a estratégia básica de engajamento, o que permitirá um completo entendimento dos fatores de influência em questão. Ao ensinar a seus integrantes que indicativos procurar, a unidade poderá extrair a maioria das informações de que necessita simplesmente analisando um relatório de patrulha padrão, pois ele trará os dados relevantes sobre a influência. Seguem exemplos de indicadores de influência para Forças inimigas e amigas:

Sinais que indicam a influência inimiga em uma área:

- A população declara que está sofrendo intimidação.
- O inimigo reside entre a população.
- A população provê apoio logístico aos insurgentes.
- A população permite que ocorram ataques dentro da aldeia.
- Ausência de denúncias acerca da movimentação de insurgentes.
- A população pede que as Forças de segurança legítimas saiam da área.
- A população rejeita a assistência do governo ou da coalizão.
- Os líderes informais não se identificam de imediato.
- Crianças atiram pedras nas Forças de segurança na presença de adultos, sem que estes interfiram.
- Nas interações cara-a-cara, a população repete a retórica dos insurgentes.

Sinais que indicam a influência amiga em uma área:

- Há uma presença permanente de Forças de segurança na área.
- Há familiares da população local integrando as Forças de Segurança.
- A população fornece informações sobre atividades dos insurgentes ao governo ou à coalizão.

- A população busca o governo estabelecido para resolver seus conflitos.
- A população envia seus líderes informais para apresentar queixas ao governo.
- A população recebe integrantes da coalizão em suas casas.
- A população oferece chá aos membros do governo ou da coalizão.
- Quando integrantes da coalizão chegam a uma aldeia, o líder informal os saúda imediatamente.
- A população solicita empregos ao governo ou ao pessoal da coalizão.

A identificação dos *pontos de atrito* que afetam a população é um método confiável para verificar a precisão de uma avaliação, após o grau de influência ter sido estimado. Quando um lado tem uma vantagem óbvia, provavelmente não haverá muitos fatores geradores de estresse na população. O ponto no qual a população irá sentir maior pressão ocorrerá quando as Forças amigas e inimigas estiverem se esforçando — ao mesmo tempo — para conquistar maior influência na área. Muitas vezes o insurgente irá recorrer à intimidação, que pode variar desde panfletos clandestinos afixados no bazar até as execuções em praça pública. O estágio intermediário para a ação dos insurgentes, em uma área de conflito, talvez seja quando ocorrem sequestros de moradores para interrogatório, mas até mesmo isso pode ter diferentes graus de gravidade, dependendo do destino dado à vítima de sequestro. Os casos de intimidação podem criar embaraço para os anciãos, uma vez que a população pode responsabilizá-los pessoalmente.

O Caminho a Seguir

Derrotar a insurgência no Afeganistão exige que o governo afegão e a ISAF exerçam influência sobre a população. Essa influência deve ser medida de maneira uniforme. Avaliar o sucesso ou fracasso da missão no Afeganistão com a quantidade de ataques, o número de inimigos mortos ou o total de dólares gastos não serve para definir os problemas complexos associados à luta contra a insurgência afegã. O contrainsurgente dificilmente será capaz de coletar informações suficientes que lhe permitam entender as disputas tribais, muito

menos prever e avaliar os efeitos das ações da ISAF, de segunda e terceira ordem.

A medida adequada para entender o sucesso no nível tático é a influência que o governo afegão e a ISAF têm sobre a população. Maior controle da população beneficiaria a contrainsurgência, mas a resistência cultural a esse controle está muito arraigada. Em vez desse controle, manter influência sobre a estrutura de poder informal pode obter o mesmo efeito. Uma vez que se obtenha o nível de influência adequado em determinada área, sua população tenderá a manter um nível aceitável de obediência ao governo.

Em função da constante substituição de Unidades da ISAF no Afeganistão, torna-se imperativo ter um método de avaliação de influência mais objetivo, capaz de retratar o progresso de forma precisa. Muitos modelos de avaliação foram utilizados ao longo dos nove anos de guerra, mas nenhum provou ser efetivo na definição do problema e na estimativa de progresso.

As medidas propostas acima talvez não sejam as melhores, mas isso não diminui a importância de se estabelecer influência em um país que não pode ser controlado efetivamente pelo governo. Tendo passado mais de dois anos no Afeganistão e lidado com a população, quase que diariamente, reconheço a lógica por trás de suas decisões. Essa lógica nem sempre é evidente para os estrangeiros, no entanto. Ao seguir as normas culturais aprendidas durante o treinamento pré-desdobramento e obter um entendimento eficaz do *Pashtunwali*, os estrangeiros podem decifrar esse comportamento aparentemente imprevisível. Uma identificação rápida dos líderes informais acelera a transição para um ambiente favorável ao governo e às Forças de segurança estrangeiras. Aumentar a influência amiga — enquanto se reduz a influência insurgente — significa progresso em direção à melhoria da estabilidade e do diálogo da população com o governo, um requisito indispensável para o cumprimento da missão da OTAN. **MR**

REFERÊNCIAS

1. Random House Dictionary, "influence", disponível em: <<http://dictionary.reference.com/browse/influence>>, acesso em 14 out. 2009.
2. GALULA, David *Counterinsurgency Warfare: Theory and Practice* (London: Pall Mall Press, 1964), p. 2.